

RIO DE JANEIRO

Seminário Unasur sobre o enfrentamento à epidemia de

Unasur Seminar:
Facing the

EBOLA

Epidemics

Seminario Unasur sobre el enfrentamiento a la epidemia de



■ O representante da Opas/OMS no Brasil, Enrique Vazquez, o diretor do Departamento de Vigilância das Doenças Transmissíveis do Ministério da Saúde, Claudio Maierovitch, o presidente da Fiocruz, Paulo Gadelha, a representante do Conselho de Saúde da Unasul, Beatrix Jubithana, o diretor do INI/Fiocruz, Alejandro Hasslocher, e o coordenador geral do Cris/Fiocruz, Paulo Buss (Foto: Peter Illiciev/CCS)

Ana Carolina Landi – INI, Danielle Monteiro – CCS e Priscila Sarmiento – INI

A Rede de Institutos Nacionais de Saúde (Rins) e o Grupo Técnico de Vigilância e Resposta da União de Nações Sul-Americanas (GTVR-Unasul), em parceria com o Centro de Relações Internacionais em Saúde (Cris/Fiocruz), promoveu, entre os dias 25 e 27 de novembro, o seminário Unasul sobre o Enfrentamento da Epidemia de Ebola. O evento, que reuniu profissionais do Ministério da Saúde e do Instituto Nacional de Saúde (INS) de países da Unasul, teve como objetivo a troca de experiências para o fortalecimento das capacidades nacionais para o enfrentamento da doença na América do Sul, por meio da identificação de decisões estratégicas para a vigilância, diagnóstico de laboratório, atenção clínica e comunicação.

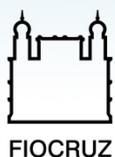
O evento culminou em uma declaração da Unasul para o enfrentamento do ebola e outras enfermidades emergentes. O relatório propõe diversas ações e reitera o compromisso dos países em fortalecer suas capacidades básicas para a implantação do Regulamento Sanitário Internacional, documento que estabelece procedimentos para a proteção contra a disseminação internacional de doenças, aprovado pela Organização Mundial da Saúde, em 2005. Entre as ações propostas, está o desenvolvimento de um plano estratégico para o desenvolvimento das capacidades nacionais e regionais, que tenha como eixos a vi-

gilância epidemiológica, o diagnóstico laboratorial, o tratamento clínico e a comunicação, para a prevenção de doenças emergentes. O documento também defende a cooperação e a solidariedade aos países da África ocidental e o incentivo a estruturas de biossegurança para hospitais e laboratórios de referência para o enfrentamento da introdução de enfermidades de risco sanitário.

Antecedentes e objetivos do seminário

Presente à abertura do evento, o coordenador geral do Cris/Fiocruz, Paulo Buss, reforçou a importância da discussão sobre o ebola, a fim de se evitar o ingresso de casos na América do Sul. Ele lembrou que o seminário é fruto de uma conferência que discutiu o enfrentamento à doença, realizada em outubro, em Cuba, da qual participaram 280 especialistas e dirigentes de 34 países. “É importante essa discussão para contarmos com as capacidades nacionais para a detecção e notificação de possíveis casos, o diagnóstico laboratorial e a atenção clínica, assim como para uma comunicação apropriada para a prevenção da transmissão do ebola”, disse. Já foram registradas 5.500 mortes este ano em decorrência da doença, todas concentradas em países do oeste da África.

O presidente da Fiocruz, Paulo



Gadelha, destacou que o enfrentamento e a forma de lidar com ameaças geram uma série de efeitos que vão além do processo mais pontual da tentativa de combate à doença. “Nesta reunião, não vamos apenas encontrar e discutir determinantes sociais e biológicos deste quadro de saúde, mas também buscar formas permanentes e solidárias de trabalhar em conjunto nacional e internacionalmente”, disse. O diretor do Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas (INI/Fiocruz), Alejandro Hasslocher, ressaltou que a unidade, que há cem anos desenvolve estudos voltados a doenças tropicais, tem desenvolvido um trabalho intenso de organização para atendimento a pacientes com suspeita de ebola. “Há dois meses, tivemos a oportunidade de colocar em prática o treinamento que vínhamos fazendo e confirmar que nossos procedimentos funcionam muito bem”, afirmou. Já o diretor do Departamento de Doenças Transmissíveis do Ministério da Saúde, Claudio Maierovitch, disse que esse período tem sido rico para a identificação de oportunidades de construção e aperfeiçoamento no combate à doença. “Nossa preocupação não é somente encontrar formas de proteger nossa população, mas também identificar ações conjuntas para superarmos desafios e pensarmos em melhores formas de apoio ao continente africano”, afirmou.

Segundo o representante da Organização Pan-Americana da Saúde da Organização Mundial da Saúde (Opas/OMS) no Brasil, Enrique Vazquez, apesar de a possibilidade de receber casos de ebola nos países da América ser baixa, é preciso trabalhar em conjunto para desenvolver um sistema de vigi-

lância sensível e de qualidade. “Toda crise pode fazer surgir boas oportunidades. Essa pode gerar a possibilidade de atualização de nossas ferramentas clínicas e laboratoriais”, afirmou. A representante do Conselho de Saúde da Unasul, Beatrix Jubithana, reforçou que o Suriname, país que preside o Conselho, tem focado na cooperação para o controle do ebola, trabalhando em parcerias para o intercâmbio de informação. “Essa reunião será muito exitosa e vai ajudar os países a se preparar de forma colaborativa para o enfrentamento da doença”, concluiu. Ainda no mesmo dia, foi apresentado o Plano de Contingência do Ministério da Saúde aplicado durante o caso suspeito de ebola, ocorrido em outubro, no Brasil.

Contextualização da epidemia

A primeira sessão plenária do evento começou com a palestra do coordenador da Rins/Unasul, Felix Rosenberg, que na ocasião explicou sobre a origem da enfermidade e da atual epidemia. O primeiro diagnóstico do vírus ebola foi feito em 1976, na República Democrática do Congo. O vírus foi descoberto em 1967, em Marburg, na Alemanha. Porém, segundo Rosenberg, o ebola existe muito antes da sua manifestação. “Os primeiros casos ocorreram com caçadores, trabalhadores rurais e mineradores que se alimentavam de chipanzés mortos contaminados pelo vírus na África. A princípio, achava-se que era malária e tratado como tal”, contou. O ciclo de contaminação envolve não apenas a ingestão de carne de macacos ou morcegos,

mas também de restos de frutas encontradas nas fezes, que podem ser ingeridas por outros animais. O homem é considerado o reservatório final.

Rosenberg explicou que as transmissões secundárias ocorriam devido à falta de segurança e equipamento no tratamento com o paciente contaminado. “Médicos e enfermeiros não usavam equipamentos de proteção individual e, nos funerários, familiares tinham contato com o corpo”, disse. Uma das grandes preocupações relativas à transmissão da doença, segundo Felix, é a imigração ilegal e o trabalho em hidrelétricas, que atrai trabalhadores de outros lugares, que podem estar contaminados.

Plano de Contingência Nacional

“É uma crise humanitária, mais do que de saúde”, disse a representante da Organização Pan-Americana de Saúde da Organização Mundial da Saúde (Opas/OMS), Pilar Ramón, ao abrir sua exposição sobre o Plano de Contingência Continental da OMS. O documento apresenta um *checklist* de ações para a região das Américas no controle de transmissão do ebola. Segundo a representante, o risco de epidemia internacional é baixo, mas existe. “Casos importados da doença são nossa maior preocupação atualmente”, disse.

De acordo com Pilar, a fórmula “detectar, isolar e busca de contatos” é a principal recomendação, além do fortalecimento do controle nas fronteiras. Visitas técnicas, reuniões virtuais e

FOTOS: PETER LICIEV/CCS





■ Da esquerda para a direita, no sentido horário: o representante do Ministério da Saúde, Claudio Maierovitch, o coordenador geral do Cris/Fiocruz, Paulo Buss, a representante do Conselho de Saúde da Unasul, Beatrix Jubithana, o diretor do INI/Fiocruz, Alejandro Hasslocher, e o coordenador da Rins/Unasul, Felix Rosenberg



a criação de um Grupo de Trabalho e de um fundo emergencial foram algumas das ações destacadas no plano. Outra recomendação, segundo ela, é reforçar alianças e planos de preparação já existentes, “não reinventar a roda”. “É possível adaptá-las à realidade das Américas e a necessidades específicas”, concluiu. Acesse o documento (em espanhol) [aqui](#).

A representante da Opas/OMS ainda falou sobre as resoluções da Reunião Técnica de Havana, realizada em outubro. Ela ressaltou pontos chave da reunião, entre eles, o fortalecimento das fronteiras e a necessidade de informações mais completas sobre a tripulação e seu destino. Para ela, é preciso garantir que será cumprido o protocolo estabelecido pela Opas/OMS sobre os diagnósticos virológicos comprovados em laboratórios com nível de segurança biológico três. “Definir e estabilizar os critérios para a utilização dos equipamentos de proteção individual de acordo com as recomendações da OMS e Opas é primordial”, disse Pilar, que também defendeu a elaboração de propostas

de capacitação para o enfrentamento da doença.

Ela alertou que é preciso fortalecer as questões da comunicação com relação ao ebola nos países, com a troca de práticas e experiências para o desenvolvimento da comunicação efetiva e a orientação à população com cuidados na saúde. Pilar ainda ressaltou que é de suma importância garantir o cumprimento dos requerimentos de biossegurança estabelecidos nos documentos emitidos pela OMS e Opas para a execução dos componentes do Plano de Ação Nacional.

Reforço das capacitações regionais

A sexta sessão plenária, que ocorreu no último dia do seminário, teve como tema *Os reforços das capacitações regionais: plano estratégico de capacitação para enfrentar a epidemia de ebola no âmbito na-*

cional. A sessão foi debatida entre os participantes e o coordenador da Rins, Felix Rosenberg, e o coordenador geral do Cris/Fiocruz, Paulo Buss. O ponto focal foi a elaboração de um curso de capacitação para os profissionais de saúde para o enfrentamento da epidemia de ebola. Os participantes comentaram sobre as estruturas dos laboratórios da Fiocruz, como qualidade e organização. Buss explicou sobre os Institutos Nacionais de Saúde e suas responsabilidades. “Atualmente o ebola tem sido o foco dos institutos e, por isso, acredito na importância de agregarmos outras instituições para a questão da capacitação para um fortalecimento. A capacitação é uma missão direta das instituições com a colaboração da OMS”, afirmou.

Logo em seguida, foi discutida a elaboração do curso de capacitação que será realizado em maio, no Palácio de Itaboraí, em Petrópolis, no Rio de Janeiro, com duração de quatro dias. O curso será dividido em presencial e a distância, e terá como tema a biossegurança e o transporte de amostras.